

O "Brasil da Amazônia": Olhares e preocupações de Milton Santos na Leitura do Território Brasileiro¹

Helbert Michel Pampolha de Oliveira

✉ helbertmichel93@gmail.com

Resumo

Em face do interesse intelectual de Milton Santos em produzir uma interpretação do Brasil a partir do território, este artigo objetiva analisar o “lugar” e a importância conferidos à Amazônia enquanto região no âmbito de seu pensamento. Para tanto, utilizam-se como procedimentos metodológicos as técnicas de levantamento e revisão bibliográfica e, complementarmente, de pesquisa e análise documental acerca da vida e da vasta obra desse autor, de forma a sistematizar informações e contribuições nas quais a região amazônica é considerada ao longo de suas elaborações. Dessa maneira, observa-se que, embora a Amazônia não tenha sido um tema central nas pesquisas produzidas por Milton Santos, ainda assim, o referido espaço regional não escapou às problematizações que esse estudioso empreendeu sobre a totalidade da formação socioespacial brasileira, configurando-se, inclusive, como uma região de grande relevância na produção de seu entendimento sobre o território nacional.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: Região, Espaço como instância social, Milton Santos, Amazônia, Território brasileiro.

1 O presente artigo resulta de reflexões e resultados de pesquisa sistematizados na dissertação de mestrado intitulada “A noção de região em Milton Santos: contribuições para pensar a Amazônia”, defendida no ano de 2019.

Introdução

Milton Santos foi um notável intelectual brasileiro nascido no ano de 1926 na Bahia, na cidade de Brotas de Macaúbas, e falecido na cidade de São Paulo, em 2001. Sua obra, tão rica quanto vasta, reúne um número significativo de livros, artigos, entrevistas e demais publicações que bem caracterizam o requinte e a robustez de um pensamento crítico original e dotado de atualidade, cuja envergadura analítica extrapola os campos da própria Geografia (CONTEL, 2014) e o coloca como um importante intelectual para as ciências humanas e sociais de um modo geral.

Tendo a realidade dos “países subdesenvolvidos” como fio condutor de suas preocupações (ELIAS, 2002), Milton Santos pode ser considerado como um verdadeiro intelectual “do lado de cá”. Isso porque, de certa maneira, suas elaborações tinham como orientação o desvelamento das espacialidades dos lugares e das regiões pertencentes ao chamado Sul global, com destaque para a América Latina, mas, especialmente, ao Brasil, País sobre o qual esse autor desenvolveu importantes e significativas contribuições sobre urbanização, território e cidadania.

Como já fora sistematizado em outras produções sobre o tema (TRINDADE JR., 2010, 2017; OLIVEIRA; TRINDADE JR., 2016), é amplamente sabido o fato de a Amazônia não ter se apresentado como uma referência central nas pesquisas de Milton Santos em relação às demais porções do território nacional; o que evidentemente não significa que esse autor, ao longo de sua destacada trajetória intelectual, não tenha se preocupado ou mesmo produzido leituras sobre o “Brasil da Amazônia” no contexto de uma compreensão mais ampla da formação socioespacial brasileira.

Assim, com base nos procedimentos metodológicos de pesquisa e análise documental e levantamento bibliográfico acerca da vida e da magistral obra de Milton Santos, objetiva-se analisar o “lugar” e a importância da Amazônia enquanto região no âmbito do pensamento miltoniano, de modo a revelar as preocupações e as problematizações desse autor para com este importante subespaço nacional, tão notável quanto significativo às suas primeiras formulações sobre o território brasileiro.

Dessa maneira, este empreendimento analítico encontra-se sistematizado em dois momentos. No primeiro, realiza-se uma breve contextualização acerca do intelectual Milton Santos e sua obra, enquanto no segundo procura-se destacar as reflexões produzidas por esse autor a respeito do espaço regional amazônico e suas particularidades no território brasileiro.

Um intelectual do Sul, uma obra

Formado em Direito, no ano de 1948, foi no seio da Geografia que Milton Santos construiu uma obra bastante particular, responsável por caracterizá-lo como um intelectual de renome no campo das ciências humanas em geral; fato que pode ser evidenciado por meio dos quase 40 livros e 400 artigos que publicou (GRIMM, 2011), bem como das inúmeras homenagens e laureações que recebeu ao longo de sua notável trajetória acadêmica e intelectual, com destaque para o Prêmio "Vautrin Lud", uma espécie de "Nobel em Geografia" conferido a Milton Santos em meados da década de 1990, e os cerca de 20 títulos de Doutor *Honoris Causa* que lhes foram outorgados em diversas universidades nacionais e internacionais.

Nestes termos, pode-se mesmo falar que esse autor está para além de uma disciplina e que, por isso, deve ser entendido como um filósofo, dada a potência e a pertinência de suas reflexões sobre as espacialidades e temporalidades do Sul global, sobretudo a partir da América Latina e, em particular, do território brasileiro. Intelectual outsider, como costumava se autodenominar (ENCONTRO..., 2006), Milton Santos foi, assim, um dos grandes expoentes da chamada Escola Uspiana de Geografia² (TRINDADE JR., 2017), chegando mesmo a formar uma escola de pensamento ao seu redor (CONTEL, 2014) e influenciar uma série de outras pesquisas na região latino-americana.

Para fins de contextualização, e com base na contribuição de Tiercelin dos Santos et al. (2011), procurar-se-á estabelecer uma breve periodização acerca da trajetória desse intelectual e de suas principais contribuições à Geografia e demais ciências humanas e sociais; periodização esta concebida em três grandes momentos que se relacionam aos anos de publicação de suas obras mais relevantes, conforme se pode observar no Quadro 1.

2 Apoiado em Borzacchiello da Silva (2012), Trindade Jr. (2017) destaca que essa escola, cuja principal influência é europeia, tem como marco de fundação a participação efetiva de geógrafos franceses na Universidade de São Paulo (USP), notadamente no momento da criação do curso de graduação em Geografia, no ano de 1934, considerado como o primeiro curso dessa natureza no Brasil.

Quadro 1. Trajetória de Milton Santos e suas principais contribuições intelectuais, segundo periodização concebida por Tiercelin dos Santos *et al.*

Período	Contribuições	Principais obras lançadas
1948-1964: um pesquisador imerso na realidade regional nordestina	Período em que Milton Santos inicia sua vida acadêmica em instituições como a Universidade Católica de Salvador e a Universidade Federal da Bahia, além de desenvolver seu doutorado na <i>Université de Strasbourg</i> (França), sob orientação do geomorfólogo francês Jean Tricart. Nesse momento, destaca-se sua preocupação em compreender a sua realidade local e regional por meio de importantes pesquisas e publicações sobre a capital baiana, bem como as cidades e as regiões do Recôncavo e da Zona do Cacau, fundando o renomado Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais.	“O povoamento da Bahia” (1948), “Os estudos regionais e o futuro da Geografia” (1953), “Zona do cacau” (1955), “Estudos de Geografia da Bahia” (1958), “A cidade como centro de região” (1959) e “O centro da cidade do Salvador” (1959).
1964-1977: um pesquisador viajante e preocupado com as cidades do terceiro mundo	Após a instauração do regime ditatorial no Brasil no ano de 1964, Milton Santos é exilado na França e inicia uma brilhante carreira internacional que se deu em várias instituições de ensino e pesquisa do mundo, formando uma notável rede de cooperação. Desde então, e por meio de um profícuo debate estabelecido principalmente com a filosofia e com a economia política marxista, assumiu a sua condição terceiro-mundista e se dedicou a entender a cidade dos “países subdesenvolvidos”, fato que rendeu importantes contribuições teóricas à Geografia, tais como a famosa teoria dos dois circuitos da economia urbana e os primeiros passos para a definição do objeto de estudo da ciência geográfica.	“A cidade nos países subdesenvolvidos” (1965), “ <i>Les villes du Tiers Monde</i> ” (1971), “ <i>Le métier du géographe en pays sous-développés</i> ” (1971) e “ <i>L’espace partagé</i> ” (1975).
1977-2001: um	Com enorme carga teórica adquirida por meio da experiência no exílio, Milton Santos retorna	“Por uma Geografia nova” (1978),

<p>pesquisador engajado com o Sul global e com o futuro</p>	<p>ao Brasil em 1977 e, sob muitas dificuldades, consegue se (re)inserir em universidades brasileiras. Nesse momento, o geógrafo baiano se propõe a construir um projeto de Geografia voltado para o futuro e fornece valiosas e potentes contribuições à ciência geográfica. Destacam-se, nesse período, o seu esforço em consolidar uma teoria da Geografia e a definir o espaço como o verdadeiro objeto de estudo da disciplina ao oferecer à comunidade geográfica um arsenal teórico-conceitual bastante rico e metodologicamente consistente. Preocupou-se, também, em compreender a organização do território brasileiro no período atual mediante o estudo do meio técnico-científico informacional, bem como a relação entre território e cidadania, levando-o a formular importantes teorias que subsidiam, até hoje, análises e leituras do espaço. Ademais, conceitos, categorias e noções como as de formação socioespacial, forma, função, estrutura e processo, fixos e fluxos, circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação, interno e externo, novo e velho, modelo cívico-territorial, economia política da cidade e economia política da urbanização, configuração territorial, horizontalidades e verticalidades, solidariedade orgânica e solidariedade organizacional, região, território usado, foram propostos e/ou ressignificados por Milton Santos neste período.</p>	<p>“Espaço e sociedade” (1979), “Pensando o espaço do homem” (1982), “Espaço & método” (1985), “O espaço do cidadão” (1987), “Metamorfoses do espaço habitado” (1988), “Metrópole corporativa fragmentada” (1990), “A urbanização brasileira” (1993), “Por uma economia política da cidade” (1994), “Técnica, espaço, tempo” (1994), “A natureza do espaço” (1996), “Por uma outra globalização” (2000) e, em coautoria com a geógrafa argentina María Laura Silveira, “O Brasil” (2001).</p>
---	---	---

Fonte: adaptado de Oliveira (2019) com base em Santos ([2000] 2007a), Silva (2001), Grimm (2011), Contel (2014), Pedrosa (2018) e Tiercelin dos Santos *et al.* (2011). Elaboração própria.

A partir da trajetória e das contribuições de Milton Santos destacadas no Quadro 01, e com base em Grimm (2011) e Contel (2014), afirma-se que sua obra pode ser estruturada em três principais conjuntos de preocupações³: a) estudos ligados à

3 É válido ressaltar que tais preocupações evidenciadas na obra de Milton Santos não necessariamente dizem respeito a fases temporais de sua produção intelectual, tendo em vista que os conjuntos aqui estabelecidos, com base nas contribuições de Grimm (2011) e Contel (2014), são uma forma de melhor organizar e tornar didática uma possível classificação da referida obra.

Bahia, produzidos no início de sua vida acadêmica ao longo dos anos 1950 e início dos anos 1960; b) construção de uma metageografia, em que o autor procura aprofundar o debate teórico da disciplina dialogando com outras ciências e, assim, ampliar suas preocupações no sentido de produzir uma teorização mais geral na ciência geográfica, tendo em vista as dinâmicas do Sul; e c) urbanização, globalização e cidadania no território brasileiro, que marca, principalmente, o período do retorno de Milton Santos ao Brasil e sua vontade de contribuir na compreensão de sua realidade (GRIMM, 2011; CONTEL, 2014).

Ademais, cabe ressaltar que, no contexto de sua obra, notadamente no período que marca o seu retorno ao Brasil e expressa sua vontade de contribuir quanto ao entendimento do Sul global, duas foram as contribuições em que Milton Santos se debruçou especificamente sobre a região amazônica, sendo uma do final da década de 1970, na qual o autor discute a organização social e espacial do, à época, Território Federal de Rondônia (SANTOS, 1982), chegando mesmo a pensar o planejamento urbano e regional dessa porção da Amazônia meridional (OLIVEIRA, 2019), e outra do início da década de 1990 (SANTOS, 1994a), quando problematiza a dinâmica espacial da porção oriental do espaço amazônico e, igualmente, oferece subsídios para se pensar em uma nova planificação regional.

Afora essas duas contribuições, elaboradas diretamente sobre a região em tela, muitas foram as menções de Milton Santos à Amazônia enquanto exemplos para refletir sobre as espacialidades contemporâneas; referências que, por mais simples que possam parecer ao leitor que, eventualmente, pode passar despercebido pela obra miltoniana, não deixam de trazer problematizações pertinentes à compreensão desse importante subespaço brasileiro.

Assim, considerando as preocupações de Milton Santos quanto ao entendimento da formação socioespacial brasileira em sua totalidade, a próxima seção busca destacar elementos da obra miltoniana que revelam leituras do autor a respeito da Amazônia enquanto região.

Reflexões Miltonianas sobre a Região Amazônica

Em comunicação apresentada no final da década de 1960, por ocasião do evento “*La régionalisation de l’espace au Brésil*”, os geógrafos Guy Lasserre e Milton Santos ([1968] 1971) buscaram associar as plantações que historicamente foram realizadas no território brasileiro a uma possível organização regional desse espaço. Propõem, portanto, uma cronologia dos plantios no Brasil e destacam três grandes culturas, a saber: a) séculos XV, XVII e XVIII – culturas de exportação baseadas no vasto comércio colonial realizado por Portugal, com destaque à cana de açúcar, ao tabaco e ao algodão; b) século XIX e início do XX – culturas comerciais de grande

notoriedade relacionadas às necessidades dos países industriais, como o café e o cacau; e c) século XX – culturas comerciais concernentes às exiguidades do Brasil moderno e industrializado, a exemplo das culturas de cana de açúcar, algodão, banana e cítricos (notadamente no Estado de São Paulo), de mamona, sisal e óleo de palma (Nordeste) e de borracha e juta (Amazônia) (LASSERRE; SANTOS, [1968] 1971).

A Amazônia, assim, apresenta-se como um dos exemplos mobilizados por Lasserre e Santos ([1968] 1971) para tratar da incapacidade das plantações na estruturação de um espaço regional, ao passo que, segundo os autores, ela não tenha se caracterizado como uma “região de plantações”, sobretudo por conta da falta de mão de obra e pela “mentalidade de colheita”, prática que consistia no abandono dos empreendimentos agrícolas por parte dos trabalhadores tão logo a colheita (de borracha ou “drogas do sertão”) oferecesse oportunidades de enriquecimento. Dessa forma, os geógrafos em referência classificam a Amazônia como um espaço subutilizado no território brasileiro e que nunca conseguiu consolidar uma base agrícola propriamente dita (LASSERRE; SANTOS, [1968] 1971).

Cerca de dez anos após esta consideração, Milton Santos mobiliza novamente esta região para exemplificar e refletir sobre uma de suas principais contribuições teórico-conceituais no âmbito da teoria social crítica, sistematizada em seu seminal “*Por uma geografia nova*” (SANTOS, [1978] 2008). Trata-se da ideia do espaço como instância social, uma estrutura subordinada-subordinante que dispõe de certa autonomia e se manifesta mediante leis específicas concernentes à sua própria evolução, não devendo, com isso, depender unicamente da economia, uma vez que outras influências também interferem nas modificações da estrutura espacial, a exemplo do dado político e suas consequentes materializações (SANTOS, [1978] 2008).

Milton Santos utiliza, portanto, a Amazônia como um exemplo para refletir sobre as influências exercidas pelo fator político nos processos de povoamento e reordenamento do território, entendendo-os enquanto casos estratégicos de política internacional com vistas à garantia da soberania nacional. Nas palavras do autor:

[...] os órgãos de segurança de um Estado podem solicitar ou mesmo exigir de um governo o povoamento das regiões fronteiriças ou a construção de estradas, portos e aeroportos considerados como estratégicos. Para tomar um caso concreto, que pensar do povoamento da Amazônia pelos países incluídos em sua bacia, senão como um caso típico de política internacional sugerido pelas realidades do nosso tempo? Em todas essas hipóteses, o que também se está fazendo é criar instrumentos de produção, mesmo que seja

sem relação voluntária com a necessidade de produzir (SANTOS, [1978] 2008, p. 185).

Ao mobilizar o caso da Amazônia, Santos ([1978] 2008) torna bastante elucidativa a ideia de que o espaço é uma estrutura condicionada e subordinada, mas também subordinante e capaz de condicionar às demais estruturas sociais, afirmando-o, portanto, enquanto uma instância da sociedade, dotada de autonomia e especificidade em relação às outras; consideração esta que permeará outros escritos em que o autor reflete a respeito da região amazônica.

Ainda no final da década de 1970, logo após retornar do exílio no ano de 1977, e em face das dificuldades que encontrou para se (re)inserir nas universidades brasileiras, Milton Santos atuou como consultor na área de planejamento urbano e regional no Brasil. Assim, a convite do arquiteto Sylvio Sawaya⁴(SANTOS, [2000] 2007b), foi contratado no início de 1979 pelo governo do, à época, Território Federal de Rondônia para pensar o Estado e a interiorização do apoio urbano ao longo da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho) e nas áreas de colonização (OLIVEIRA, 2019); consultoria esta que foi concluída no mesmo ano com o trabalho “*Espaço e urbanização no Território de Rondônia: realidades atuais, perspectivas e possibilidades de intervenção*”⁵(RODRIGUES, 2019; HISTÓRIA..., 2019).

Este trabalho de Milton Santos foi adaptado em formato reduzido e posteriormente publicado no Boletim Carioca de Geografia, no ano de 1982⁶, aquando da constituição do território rondoniense em unidade da federação. Intitulado como “*Organização social e organização do espaço: o caso de Rondônia*” (SANTOS, 1982), primeiro artigo publicado em que o autor trata exclusivamente sobre problemáticas amazônicas, o geógrafo analisa a questão socioespacial de

4 Informações confirmadas mediante entrevista via Skype com os professores e arquitetos Sylvio de Barros Sawaya (Universidade de São Paulo-USP) e Luís Octávio Faria e Silva (Universidade São Judas Tadeu-USJT), no dia 03 de maio de 2019. Na ocasião, Sawaya destacou que dois foram os fatores que lhe motivaram a indicar Milton Santos para essa consultoria em Rondônia. Primeiro, a leitura que realizou do seminal “*L’espace partagé: les deux circuits de la économie urbaine en pays sous-développé*”, publicado originalmente em 1975 (SANTOS, [1979] 2004), e, segundo, seu primeiro encontro pessoal com Santos, por ocasião de um evento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizado em Brasília-DF, no ano de 1976.

5 Até o presente momento de elaboração desse artigo, não obtivemos acesso a este trabalho de Milton Santos, produto de sua consultoria prestada junto ao Governo do Território Federal de Rondônia. Entretanto, agradecemos ao professor e economista Silvio Persivo da Cunha Rodrigues (Universidade Federal de Rondônia-UNIR) que, via e-mail, e de maneira muito gentil, forneceu-nos informações preciosas sobre esta atividade realizada por Milton Santos (RODRIGUES, 2019), colocando-se à disposição para nos auxiliar no levantamento desse material.

6 Organizada pelos professores Maria Célia Nunes Coelho e Jorge Luiz Barbosa, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), esta edição do Boletim Carioca de Geografia estava voltada à publicação de resultados de pesquisa importantes à compreensão dos problemas e impasses que, então, caracterizavam a região amazônica.

Rondônia a partir do incremento que esse território conheceu em diversos setores, notadamente por conta das políticas de colonização dirigidas para a Amazônia. Concebe o território rondoniense, mas também a Amazônia meridional, como uma zona aberta à colonização, uma região onde o “novo” tende a se sobrepor ao “velho” (SANTOS, 1982).

Levando-se em conta a dramática situação social que assolava Rondônia, provocada em grande medida por um pioneirismo seletivamente modernizador instalado na região, Milton Santos, juntamente com o arquiteto Sylvio Sawaya, o economista Silvío Persivo da Cunha Rodrigues e uma equipe multidisciplinar de técnicos (RODRIGUES; NEVES, 2008; RODRIGUES, 2019), sugere a proposta de criar Núcleos Urbanos de Apoio Rural (NUARs):

[...] Milton Santos, na ocasião, nos reuniu, cerca de vinte técnicos, e pediu para escrevermos um trabalho sobre os diversos setores do Território e, a partir disto, com a visão notável que tinha escreveu o documento [Espaço e urbanização no Território de Rondônia: realidades atuais, perspectivas e possibilidades de intervenção] cuja principal contribuição foi a de criar o que se chamou de Núcleos Urbanos de Apoio Rural [NUARs] (RODRIGUES, 2019, não paginado).

Concebidos enquanto verdadeiros centros de oferta e distribuição equânimes de serviços básicos às populações locais e migrantes situadas em áreas rurais (SANTOS, 1982), destaca-se que a ideia dos NUARs configurara-se como o principal produto de uma série de intervenções e atividades relacionadas ao planejamento urbano e regional dessa porção da Amazônia meridional, muito embora, e por questões políticas na transição de governos (RODRIGUES; NEVES, 2008), a concepção social e distributivista dos núcleos urbanos inicialmente propostos tenha sido descaracterizada.

Não obstante essa situação, deve-se ressaltar que esta viagem à Amazônia também rendeu bons frutos a Milton Santos no que diz respeito a uma possível interpretação acerca do território brasileiro. Isso porque, quando indagado sobre onde estaria expressa sua primeira formulação sobre o Brasil, durante entrevista concedida no início dos anos 2000 a Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite, o geógrafo baiano prontamente responde:

[...] talvez no livro com o [Henrique] Rattner, de 1979. Eu falava sobre transnacionalização do espaço brasileiro. Tinha estado em Rondônia e estava impressionado por haver descoberto São Paulo, porque foi lá que eu entendi como é que São Paulo se instala no Brasil como capital geral da nação, e como conseguiu esse comando único sobre todo o território. Tinha ido a Rondônia a convite de

Sylvio Sawaya, como consultor, para fazer um texto a partir do qual eles trabalhariam empiricamente na Secretaria de Planejamento. Então, me vieram muitas ideias sobre o Brasil (SANTOS, [2000] 2007b, p. 117).

Em “*Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado*” (SANTOS, 1979), Milton Santos se propõe a tratar sobre a organização do espaço brasileiro não mais a partir das plantações (LASSERRE; SANTOS, [1968] 1971), mas por meio dos processos de integração e transnacionalização conhecidos por este território, mormente no último quartel do século XX. Considerada como uma de suas primeiras formulações substanciais sobre o Brasil (SANTOS, [2000] 2007b), o autor reconhece a existência de várias fases de desenvolvimento no que diz respeito à organização espacial brasileira, que, na segunda metade do século XX, vai sendo paulatinamente definida de acordo com as exigências do modelo capitalista internacional, cuja ideologia da racionalidade invadiu áreas até então não tocadas ou indiretamente alcançadas por esses processos de modernização (SANTOS, 1979).

Assim, se as políticas de cunho econômico até então concebidas e instrumentalizadas tinham implicações espaciais nem sempre imediatas, ou exigiam adaptações no plano regional ou mesmo nacional, doravante, o próprio espaço passou a ser constituído como objeto dessa política, tal como acontecera, segundo o autor (SANTOS, 1979), com a região amazônica. Nesse sentido, Milton Santos assinala que a Amazônia seria ocupada rapidamente por meio de uma profusão de processos que, em sua configuração, envolvia: a) a coexistência de grandes projetos ao lado de pequenos e médios; b) a presença de técnicas modernas convivendo com técnicas não modernas; c) a divisão e distribuição de terras, o desenho das estradas, bem como a acessibilidade de consumo e a assistência técnica e ao crédito; e d) o papel determinante do grande capital nas relações econômicas e espaciais (SANTOS, 1979).

No âmbito desta contribuição, cujas análises decorrem, em grande medida, da experiência de Milton Santos como consultor de planejamento urbano e regional em Rondônia, pode-se observar a utilização da Amazônia como um exemplo de reflexão para melhor explicar os rebatimentos da política econômica no plano espacial, bem como a consideração do próprio espaço – uma instância social (SANTOS, 1979, [1978] 2008) – como objeto desta política. Destarte, Santos (1979) caracteriza a região amazônica como um espaço-chave para a realização das políticas econômicas pensadas para a “organização” do território brasileiro, notadamente na segunda metade do século passado.

Na obra “*Ensaio sobre a urbanização latino-americana*” (SANTOS, [1982] 2010) também podemos encontrar algumas menções à Amazônia logo no primeiro

capítulo, pois quando o autor procura refletir sobre os mecanismos de crescimento urbano na América Latina, ele considera a rede de transportes como uma das formas dessa expansão e destaca a falta de homogeneidade e de continuidade das vias enquanto um aspecto particular dos países subdesenvolvidos nessa porção do mundo, onde a distribuição das rodovias e das ferrovias é, por sua vez, quantitativamente desigual (SANTOS, [1982] 2010).

Com base nessa peculiaridade latino-americana, o autor referencia a região amazônica para enfatizar que, em face deste arranjo desigual da rede de transportes, as vias de maior importância acabam por se constituir como um vetor para o surgimento de numerosas cidades, a exemplo da rodovia Belém-Brasília (SANTOS, [1982] 2010), construída no início da segunda metade do século XX e responsável pela criação de várias cidades-cogumelo⁷ ao longo de seu traçado. Ainda conforme este autor, as áreas pioneiras também criam cidades e a duração destas zonas, no que diz respeito à sua importância, depende de uma série de fatores, como a extensão e a importância das rodovias, das ferrovias ou mesmo das vias de comunicação. A Amazônia, considerada como uma zona pioneira (SANTOS, 1979, 1982), conheceu um incremento no seu processo de urbanização graças aos grandes movimentos migratórios que se deram em direção à região (SANTOS, [1982] 2010), tal como ocorrido em Rondônia.

Como se pode perceber até este momento, a Amazônia aparece caracterizada nos trabalhos miltonianos como uma região pioneira de grandes dimensões e aberta à colonização, tanto por pessoas, quanto por capitais públicos e/ou privados. Desse modo, acredita-se aqui que foi com base nesta interpretação do autor sobre essa porção do território brasileiro que, na obra "*Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*" (SANTOS, [1990] 2009a), Milton Santos tenha estabelecido uma comparação entre os custos relacionados à realização de obras de infraestrutura urbana e viária em São Paulo, considerada como a metrópole econômica e informacional do Brasil (SANTOS, [1990] 2009a, [1994] 2009b), com a abertura de estradas na Amazônia.

Nesse sentido, e no contexto de suas elucubrações, Milton Santos trata sobre a recriação das chamadas economias urbanas como uma forma de reabilitar a cidade, notadamente São Paulo, para o grande capital. Para efeitos de análise, o autor estabelece um cotejamento dos gastos entre a renovação urbana empreendida nesta cidade e a construção de estradas na região amazônica, afirmando que:

[...] para construir 282 km de vias expressas dentro da metrópole paulistana foi necessário gastar 21 vezes mais que para construir 2

7 De acordo com Monbeig (2004), as cidades-cogumelo são aquelas que nascem e crescem, em um curto período, no contexto de zonas pioneiras.

775 km de estradas em plena selva amazônica. Os primeiros 14 km de linhas de metrô, na mesma aglomeração, custavam dez vezes mais que aquele conjunto de rodovias transamazônicas. Isso quer dizer que a mesma soma foi gasta para fazer 1 km de metrô ou 2 000 km de estradas de rodagem em uma região inóspita (SANTOS, [1990] 2009a, p. 108).

Inobstante a notável diferença de gastos, o geógrafo em referência continua sua análise e destaca outros números igualmente eloquentes no âmbito de um quadro comparativo do que financeiramente foi mobilizado para tornar outras cidades brasileiras mais fluidas ou mesmo para construir a estrutura viária do Brasil como um todo. Dessa maneira, Santos considera os mesmos 2.775 km de estradas amazônicas em relação ao custo das seguintes obras urbanas realizadas no País e chega às proporções abaixo indicadas:

Via Leste (São Paulo): 23 vezes mais
Rodovia dos Imigrantes (São Paulo): 4,7 vezes mais
Aeroporto do Galeão (São Paulo): 5,5 vezes mais
Metrô de São Paulo (até 1972): 10 vezes mais
Metrô do Rio (até 1972): 6 vezes mais (SANTOS, [1990] 2009a, p. 108).

Projetos de renovação urbana como os experimentados em São Paulo e em outros pontos da chamada região concentrada do País (SANTOS; SILVEIRA, [2001] 2012) tiveram como finalidade a valorização da cidade para o grande capital (SANTOS, [1990] 2009a); valorização esta que, a partir do uso de recursos públicos, dá-se mediante o incremento de capitais constantes ao solo e, conseqüentemente, o aumento da composição orgânica do território.

Em seu “*A urbanização brasileira*” (SANTOS [1993] 2013a), Milton Santos oferece elementos de que, historicamente, esta região se apresenta no quadro nacional como um espaço de baixa composição orgânica do território e, por esta razão, como uma porção do espaço extremamente receptiva aos novos fenômenos da urbanização, dada a parca infraestrutura de monta e a quase inexistência de investimentos fixos que, herdados do passado, pudessem dificultar a implantação de elementos característicos da modernidade (SANTOS, [1993] 2013a).

Fato inconteste, esta caracterização passa a ser considerada como uma particularidade do subespaço amazônico ao longo de toda a rica obra de Milton Santos, ainda que de maneira não explícita em alguns momentos, tal como a consideração referente à baixa composição orgânica daquele espaço. Isso porque, sempre que mencionada, a Amazônia figura como uma região de rarefações demográficas e econômicas e enquanto uma porção do espaço brasileiro aberta à

incorporação da materialidade moderna (SANTOS, [1993] 2013a), resultante do período técnico-científico-informacional (SANTOS, [1994] 2013b).

No capítulo “Os grandes projetos: sistema de ação e dinâmica espacial” (SANTOS, 1994a) – a segunda contribuição em que o autor tratou exclusivamente sobre a Amazônia⁸ –, Milton Santos traz algumas reflexões para pensarmos as consequências dos grandes projetos nessa região. Nesse momento, o geógrafo baiano retoma a teoria do espaço e o conceitua como um conjunto indissociável, solidário e também contraditório entre sistema de objetos e sistema de ações, não considerados de maneira isolada, mas como o quadro único no qual a história se realiza⁹; movimento este a partir do qual o espaço encontra sua dinâmica e se transforma.

No que concerne à Amazônia, Milton Santos sustenta que os grandes projetos instalados na região fazem parte de um sistema de ações em nível global, cuja materialidade – obediente a lógicas exógenas – pode ser visualizada, no caso deste vasto espaço, por meio de “grandes objetos” técnicos, tais como as hidrelétricas, as extensas rodovias e ferrovias, os portos modernos, as indústrias e mesmo as cidades (SANTOS, 1994a). Para o autor, a importância desses objetos é extrema *na* região, mas nem sempre ou quase nunca *para* a região, sobretudo pelo fato de a finalidade desses elementos técnicos estar mais relacionada ao externo do que propriamente

8 A convite da professora Edna Castro, socióloga, o capítulo em tela é fruto da participação de Milton Santos no seminário nacional “Grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço”, concebido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) em parceria com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), durante o mês de abril do ano de 1991 na cidade de Belém-PA (TRINDADE JR., 2010; OLIVEIRA, 2019).

9 Cabe destacar que esta apresentação fez parte de uma série de conferências proferidas por Milton Santos nos primeiros anos da década de 1990. Entretanto, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que foi nesta palestra, realizada na cidade de Belém-PA, que o intelectual brasileiro considerou, pela primeira vez, o espaço como um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações. Isso porque, analisando seus escritos da época, constatou-se que esta apresentação, de abril de 1991, é anterior à sua conferência “Espaço: sistema de objetos, sistema de ações”, ocorrida um mês depois em Salvador-BA, por ocasião do IV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), e publicada nos anais do evento sob o título “Por um novo planejamento urbano e regional” (SANTOS, 1993); conferência e publicação estas nas quais, de acordo com Grimm (2011, p. 219-220), Milton Santos define a principal conceituação de espaço. Dado o peso destas reflexões, ambos os trabalhos passaram a compor capítulos específicos (SANTOS, [1994] 2013c, [1994] 2013d) da importante obra “Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional” (SANTOS, [1994] 2013b), publicada no ano de 1994 e responsável por trazer ao público uma sistematização das preocupações miltonianas sobre temas como a globalização e sua configuração geográfica, o meio técnico-científico-informacional. Em particular, o material que Milton Santos apresentou sobre a região amazônica também integrou outra coletânea de artigos (CASTRO; MOURA; MAIA, 1994), desta vez resultante do seminário do qual participou; trabalho este do autor que aqui se encontra referenciado como Santos (1994a).

às demandas das sociedades locais. Assim, além de mercantil, o discurso de afirmação desses objetos também se apresenta, frequentemente, como simbólico, pois:

[...] quando nos dizem que as hidrelétricas vem trazer para o país e para uma região, a esperança da salvação da economia, da integração do mundo, a segurança do progresso, tudo isso são símbolos que nos permitem aceitar a racionalidade do objeto que, na realidade, vem exatamente destroçar a nossa relação com a natureza e impor relações desiguais (SANTOS, 1994a, p. 15-16).

Dessa maneira, Santos (1994a) destaca que, a partir desses “grandes objetos”, marca-se a problemática regional de um espaço como o amazônico, uma região de grandes dimensões na qual o meio geográfico, híbrido, recebe objetos imensos e cheios de intencionalidades estranhas, principalmente daquelas que estão a serviço do que não está situado neste espaço. Assim, particulariza a Amazônia como uma região de baixas densidades técnicas (SANTOS, 1995) e que, por esta razão, apresenta-se na Divisão Territorial do Trabalho como uma região do obedecer, do fazer para os outros (SANTOS, 1994a).

Como parte de suas preocupações no início da década de 1990, Milton Santos revisita a categoria território e propõe uma ressignificação à mesma, considerando o território, portanto, como uma propriedade emergente da relação entre objetos e ações (SANTOS, 1994b). Sugere, assim, que a categoria de análise central seria o território usado, espaço de todos os seres humanos, de todas as firmas e instituições (SANTOS et al., 2000). Nesse sentido, no artigo “*O território e o saber local: algumas categorias de análise*” (SANTOS, 1999), o autor demarca a importância do território usado como categoria analítica e expressa certo avanço em seu raciocínio, sobretudo no que diz respeito à relação sociedade-natureza.

Em sua reflexão, Santos (1999) questiona a pertinência de se pensar em uma dialética entre sociedade e natureza e pontua, dessa forma, a sua não existência, pois, para ele, a dialética neste caso somente se realiza por meio da segunda natureza, isto é, da natureza valorada pela sociedade. Nestes termos, o autor ressalta que a sociedade não atua sobre a natureza em si e que o entendimento dessa ação se configura a partir do trabalho e de parte do valor – atual ou futuro – que é conferido àquela fração da natureza, sobretudo em razão das possibilidades oferecidas pela cognoscibilidade do planeta (SANTOS, 2000). A fim de melhor elucidar seu raciocínio, Santos mobiliza a região amazônica e enfatiza que:

[...] a ação presente, os interesses sobre parte do território [amazônico], a cobiça, e mesmo as representações atribuídas a essa parte do território têm uma relação com o valor que é dado ao que está ali presente. O que há na realidade é relação sociedade e

sociedade enquanto território, sociedade enquanto espaço. O território não pode ser uma categoria de análise, tem de ser considerado território usado (SANTOS, 1999, p. 18).

Nota-se, assim, que o caso da Amazônia mostra-se bastante elucidativo ao entendimento que Milton Santos constituiu tanto sobre a questão da dialética natureza-sociedade, que para ele se dá ao nível de sociedade-sociedade enquanto território (SANTOS, 1999), como no que tange ao fato de a categoria de análise ser o território usado e não o território *per se*, à moda dos conceitos puros que foram herdados da modernidade e que atravessaram os tempos sem uma revisão histórica (SANTOS, 1994b). O território usado, por conseguinte, seria tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das ações humanas, um todo complexo onde uma trama de relações complementares e conflitantes adquire dinamismo (SANTOS et al., 2000).

Por fim, e não menos importante, destacamos duas contribuições de Milton Santos e Maria Laura Silveira nas quais podemos observar o esforço dos autores em fazer o Brasil "falar" a partir de seu território. A Amazônia, parte da formação socioespacial brasileira, obviamente não fica de fora desses empreendimentos analíticos e, na obra "*O ensino superior público e privado e o território brasileiro*" (SANTOS; SILVEIRA, 2000), é considerada na geografia educacional do País como uma área de rarefação quanto ao oferecimento de cursos e instituições de educação superior, seja ela pública ou privada.

Em vista disso, os autores sugerem o entendimento de que a quantidade e qualidade dos cursos existentes e/ou concebidos no subespaço amazônico relacionam-se diretamente à divisão social do trabalho constituída nessa região, o que, evidentemente, faz da escolha de determinado curso uma opção social, mas também, e simultaneamente, uma opção cultural, econômica, política e territorialmente condicionada, sobretudo em razão dos usos do território que são estabelecidos nesta porção da formação socioespacial brasileira.

Assim, a natureza dos cursos de educação superior na Amazônia nada mais é que o resultado de uma demanda complexa por determinados saberes, os quais, anteriormente baseados nas experiências orgânicas e herdadas do passado, são, na atualidade, fundamentados a partir de conhecimentos técnicos, capazes de unificar tanto a produção como o território. Todavia, os autores levantam uma questão geral relacionada ao fato de que o provimento da educação para e pelo mercado tem consequências negativas na descoberta do lugar pelo lugar, principalmente no que concerne à formação dos indivíduos enquanto letrados aptos a decodificar os discursos particulares e específicos e incapazes de entender a divisão territorial do trabalho enquanto um movimento total da sociedade (SANTOS; SILVEIRA, 2000).

Já em “*O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*” (SANTOS; SILVEIRA, [2001] 2012), os autores estabelecem uma análise do território brasileiro baseada na difusão diferencial do meio técnico-científico informacional e nas heranças do passado e propõem a interessante regionalização dos “quatro Brasis”, configurada pelas regiões Concentrada, Centro-Oeste, Nordeste e Amazônia; esta última considerada por Santos e Silveira ([2001] 2012) enquanto uma expressão pontual da configuração geográfica da globalização, sobretudo pelo fato de essa região se apresentar como um subespaço de baixas densidades, tanto demográfica e econômica, quanto técnica, conforme o geógrafo baiano procurou demonstrar em outros trabalhos de sua autoria (SANTOS, 1994a, 1995, [1993] 2013a).

Inspirado nas interpretações de Milton Santos, mas, nesse momento, fundamentalmente em Santos e Silveira ([2001] 2012), Trindade Jr. (2017) elenca o que chamou de “particularidades regionais” da Amazônia, destacando:

a) as baixas densidades demográficas e técnicas do território, quando comparadas a das outras regiões brasileiras; b) a importância das novas redes técnicas que são instaladas no seu interior, a exemplo das rodovias e das hidrovias; c) a fraca centralidade, na maior parte do espaço regional, do sistema de transporte e das redes de comunicação; d) o inventário de seus recursos ainda por ser feito, o que nos remete ao potencial e à grandiosidade da região; e) a possibilidade do conhecimento de seus recursos e de suas potencialidades fundada em modernos satélites e radares; f) a convivência de sistemas de movimentos modernos e rápidos com sistemas lentos e tradicionais; g) as conexões das cidades consideradas mais importantes, estabelecidas notadamente com espaços extra locais; h) a forma de relação dessas mesmas cidades com suas respectivas hinterlândias, expressa de maneira esgarçada; i) a presença de nexos do processo de globalização em áreas produtivas, voltadas para a exportação; j) a existência de cidades modernas, tidas como importantes pontos de apoio a essas mesmas atividades de exportação (TRINDADE JR., 2017, p. 10-11).

A sistematização desses elementos empreendida por Trindade Jr. (2017) em muito nos auxilia na compreensão da dialética existente quanto aos usos do território na Amazônia. Isso porque, a partir de uma observação atenta, pode-se identificar o movimento contraditório que se dá entre elementos “novos” e “velhos”, bem como entre variáveis “internas” e “externas” (SANTOS, 1982), cuja inter-relação nos propicia uma leitura dinâmica dessa região na Divisão Territorial do Trabalho. Neste quadro, vale ressaltar, juntamente com Santos e Silveira ([2001] 2012), que a situações herdadas do passado acabam pesando sobre os

processos recentes que se instalam e/ou pretendem se instalar em uma região; fato este que, desde logo, revela o papel ativo do espaço e sua condição de instância da sociedade, responsável por também orientar as diversas dinâmicas de uso do território.

Considerações Finais

Milton Santos pensou a Amazônia? Talvez agora esse questionamento possa ser relativizado e, de certa maneira, sustentado positivamente a partir das reflexões que foram sistematizadas neste artigo e sintetizadas no Quadro 02. Isso porque, como pudemos observar, a região amazônica não escapou ao olhar analítico e preocupado de Milton Santos para com a realidade dos “países subdesenvolvidos”, em particular, no entendimento da totalidade do território brasileiro.

Quadro 2. A Amazônia como exemplos de reflexão na obra miltoniana

Obras	Ano de publicação	Leituras sobre a Amazônia
Les plantations tropicales et la régionalisation de l'espace au Brésil (em coautoria com Guy Lasserre).	[1968] 1971	Região de grandes dimensões e espaço subutilizado no território brasileiro.
Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.	1978	Região onde o processo de povoamento pode ser considerado como um exemplo de política internacional com rebatimentos no plano espacial.
Organização do espaço e organização social: o caso de Rondônia.	[1979] 1982	Rondônia, mas também a Amazônia meridional, como uma zona do espaço brasileiro aberta à colonização.
Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado.	1979	Espaço-chave à realização das políticas econômicas e espaciais pensadas para a “organização” do território brasileiro na segunda metade do século XX.
Ensaio sobre a urbanização latino-americana.	1982	Área pioneira cujo processo de urbanização conheceu incremento graças aos grandes movimentos migratórios que se deram em direção à região.

Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo.	1990	Espaço de grandes dimensões cuja incorporação da materialidade moderna se dá a menor custo que nas demais regiões do País.
A urbanização brasileira.	1993	Região de baixas densidades demográfica, econômica e técnica.
Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.	1994	Região de baixas densidades técnica, se comparada a outras partes do território brasileiro.
Grandes projetos: sistema de ação e dinâmica espacial.	1994	Região do obedecer onde a materialização do sistema de ações global se manifesta mediante “grandes objetos” técnicos.
O futuro do Nordeste.	1995	Espaço de baixas densidades.
O território e o saber local: algumas categorias de análise.	1999	Amazônia como exemplo de reflexão para compreender a ideia de território usado.
Território e sociedade: entrevista com Milton Santos.	2000	Subespaço a partir do qual Milton Santos conseguiu melhor visualizar como São Paulo se instalava no território nacional enquanto capital geral da nação. Região de fundamental importância para o estabelecimento de sua primeira formulação sobre o Brasil.
O ensino superior público e particular e o território brasileiro (em coautoria com María Laura Silveira).	2000	Área de rarefação quanto à presença de estabelecimentos educacionais públicos e particulares de nível superior.
O Brasil: território e sociedade no início do século XXI (em coautoria com María Laura Silveira).	2001	Região de baixa densidade técnica e, portanto, uma expressão pontual do meio técnico-científico-informacional.

Fonte: Lasserre e Santos ([1968] 1971), Santos (1979, 1982, 1994a, 1995, 1999b, [2000] 2007, [1978] 2008, [1990] 2009a, [1982] 2010, [1993] 2013a, [1994] 2013b) e Santos e Silveira (2000, [2001] 2012). Elaboração própria.

Dessa maneira, identificam-se referências e menções à Amazônia que bem elucidam as leituras e preocupações do geógrafo baiano com essa região brasileira, particularizada, não só por suas baixas densidades demográfica e econômica (SANTOS, [1993] 2013a), como também técnica (SANTOS, 1995), na forma em que sistematizou o autor. Para além disso, é preciso destacar o seu papel como “região do obedecer” (SANTOS, 1994a) na Divisão Territorial do Trabalho; razão pela qual Santos e Silveira ([2001] 2012) identificam o “Brasil da Amazônia” como uma expressão pontual do meio técnico-científico informacional.

Outrossim, cabe ressaltar a relevância da atividade realizada por Milton Santos no final da década de 1970 em Rondônia, na Amazônia meridional, essa zona aberta à colonização (SANTOS, 1982, [1982] 2010) que em muito lhe inspirou a pensar o Brasil (SANTOS, [2000] 2007b) não mais a partir das plantações, como propôs em suas primeiras referências sobre a região (LASSERRE; SANTOS, [1968] 1971), mas sim a partir de um processo de transnacionalização do espaço que se impunha com bastante força no âmbito da organização socioespacial brasileira, no último quartel do século XX (SANTOS, 1979).

Assim, e dentre vários aspectos, as contribuições de Milton Santos – sobre a Amazônia ou não – podem indicar caminhos interessantes para se pensar o planejamento urbano e regional nessa porção da formação socioespacial brasileira, sinalizando para a importância, por exemplo, de se levar em consideração as rugosidades espaciais e toda a psicosfera não moderna que as envolvem, sobretudo na Amazônia, com os pequenos portos e trapiches que servem como entreposto aos fluxos que animam a relação cidade-rio nessa região.

As particularidades regionais da Amazônia, identificadas por Trindade Jr. (2017) na obra de Milton Santos, notadamente em Santos e Silveira ([2001] 2012), são igualmente relevantes para se compreender a região amazônica e toda a hipertelia (SIMONDON, [1958] 2001; STIEGLER, [1994] 2002) que caracteriza tanto as formas quanto os conteúdos que subjazem os processos que estruturam esse espaço regional. Talvez por isso, e pensando na informação, esse dado constitutivo e bastante caro ao período e meio geográfico atuais, Santos (1995a) tenha chamado a atenção para a necessidade de se aumentar a densidade informacional na Amazônia; não da informação especializada e repleta de intencionalidades forâneas em excesso, mas, sim, da informação solidária, que permita desvelar possibilidades e, quem sabe, harmonizar os interesses locais com os vetores da modernidade.

Nesse sentido, nota-se que ainda que Milton Santos não seja um intelectual amazônida ou mesmo não tenha se debruçado específica e substancialmente sobre as problemáticas socioespaciais da Amazônia, destaca-se que suas reflexões, suas leituras e suas preocupações a respeito dessa região possuem enorme pertinência na tarefa de pensar a condição do presente, carregado de perversidades e, assim, sugerir o que fazer do futuro.

Agradecimentos

Agradeço à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo à pesquisa concedido na forma de bolsas de estudo; financiamento esse de fundamental importância à pesquisa, bem como à elaboração deste artigo.

Referências

- BORZACCHIELLO DA SILVA, José. *França e a escola brasileira de Geografia: verso e reverso*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- CASTRO, Edna Maria Ramos de; MOURA, Edila; MAIA, Maria Lúcia Sá (org.). *Industrialização e grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço*. Belém: EDUFPA, 1994. 410 p.
- CONTEL, Fabio Betioli. Milton Santos. In: PÉRICAS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. p. 393-409.
- ELIAS, Denise de Souza. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. *Scripta Nova*, Barcelona, vol. VI, n. 124, p. 1-10, 2002.
- ENCONTRO com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá. Diretor: Silvio Tendler. Produção executiva: Ana Rosa Tendler. Rio de Janeiro, RJ: Caliban Produções Cinematográficas, 2006. 1 vídeo (89 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ifZ7PNTazgY&feature=emb_title. Acesso em: 11 jan. 2020.
- GRIMM, Flávia. *Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis*. 2011. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- HISTÓRIA de Rondônia: enquanto a esposa criou o bairro com flagelados, Humberto Guedes colheu espinhos do drama fundiário. *Governo do Estado de Rondônia*, Porto Velho, 11 mar. 2019. Personalidades. Disponível em: <http://www.rondonia.ro.gov.br/historia-de-rondonia-enquanto-a-esposa-criou-bairro-com-flagelados-humberto-guedes-colheu-espinhos-do-drama-fundiario/>. Acesso: 19 set. 2019.
- LASSERRE, Guy; SANTOS, Milton. Les plantations tropicales et la régionalisation de l'espace au Brésil. *La régionalisation de l'espace au Brésil*, Paris, p. 57-72, 1971. Travaux présentés dans le Séminaire International du CNRS, nov. 1968, Bourdeaux.

- MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 1, n. 2, p. 277-314, 2004.
- OLIVEIRA, Helbert Michel Pampolha de. *A noção de região em Milton Santos: contribuições para pensar a Amazônia*. 2019. 287 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- OLIVEIRA, Helbert Michel Pampolha de; TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. A Amazônia em Milton Santos: região, globalização e meio técnico-científico informacional. In: PEZZUTTI, Juarez; AZEVEDO-RAMOS, Cláudia (org.). *Desafios amazônicos*. Belém: NAEA, 2016. p. 193-223. (Série Desenvolvimento e Sustentabilidade, 3).
- PEDROSA, Breno Viotto. O périplo de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 429-448, abr./jun. 2018.
- RODRIGUES, Silvio Persivo da Cunha. [RE: *Sobre pesquisa “A Amazônia em Milton Santos”*]. Destinatário: Helbert Michel Pampolha de Oliveira. Porto Velho, 08 abr. 2019. 1 e-mail. Disponível em: helbertmichel93@gmail.com. Acesso em: 19 set. 2019.
- RODRIGUES, Silvio Persivo da Cunha; NEVES, Aldenor José. A experiência de Rondônia em planejamento. *Saber Científico*, Porto Velho, v. 1, n. 2, p. 156-177, jul./dez. 2008.
- SANTOS, Milton. Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado. In: RATTNER, Henrique (org.). *Brasil 1990: caminhos alternativos do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1979. p. 143-161.
- SANTOS, Milton. Organização social e organização do espaço: o caso de Rondônia. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 33, p. 51-77, 1982.
- SANTOS, Milton. Por um novo planejamento urbano e regional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 4., 1993, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UFBA-ANPUR, 1993. p. 35-39.
- SANTOS, Milton. Os grandes projetos: sistema de ação e dinâmica espacial. In: CASTRO, Edna Maria Ramos de; MOURA, Edila; MAIA, Maria Lúcia Sá (org.). *Industrialização e grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço*. Belém: EDUFPA, 1994a. p. 13-20.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994b. p. 15-20.
- SANTOS, Milton. O futuro do Nordeste: da racionalidade à contrafinalidade. In: GAUDÊNCIO, Francisco de Sales; FORMIGA, Marcos (org.). *Era da esperança: teoria e política no pensamento de Celso Furtado*. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 99-107.
- SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 2, p. 15-26, 1999.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174 p.

- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, [1979] 2004. 432 p. (Coleção Milton Santos, 6).
- SANTOS, Milton. [Entrevista concedida a] Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, [2000] 2007a. 127 p.
- SANTOS, Milton. De volta ao Brasil. In: SANTOS, Milton. [Entrevista concedida a] Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. 2. ed. 3. reeimp. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, [2000] 2007b. p. 112-118.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a geografia crítica*. 6. ed. 1. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1978] 2008. 288 p. (Coleção Milton Santos, 2).
- SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, [1990] 2009a. 136 p. (Coleção Milton Santos, 17).
- SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, [1994] 2009b. 144 p. (Coleção Milton Santos, 14).
- SANTOS, Milton. *Ensaio sobre a urbanização latino-americana*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, [1982] 2010. 200 p. (Coleção Milton Santos, 19).
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5. ed. 3. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1993] 2013a. 176 p. (Coleção Milton Santos, 6).
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 5. ed. 1. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1994] 2013b. 176 p. (Coleção Milton Santos, 11).
- SANTOS, Milton. O espaço: sistemas de objetos, sistemas de ações. In: SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 5. ed. 1. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1994] 2013c. p. 85-91. (Coleção Milton Santos, 11).
- SANTOS, Milton. Os grandes objetos: sistema de ação e dinâmica espacial. In: SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 5. ed. 1. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1994] 2013d. p. 105-111. (Coleção Milton Santos, 11).
- SANTOS, Milton et al. O papel ativo da geografia: um manifesto. *Território*, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 103-109, jul./dez. 2000.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O ensino superior público e particular e o território brasileiro*. Brasília: ABMES, 2000. 163 p.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, [2001] 2012. 473 p.
- SILVA, Adriana Maria Bernardes da. Milton Santos: breve relato da trajetória científica e intelectual de um grande geógrafo. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 78, p. 139-152, 2001.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. 5. ed. Paris: Aubier, [1958] 2001. 336 p.
- STIEGLER, Bernard. *La técnica y el tiempo: el pecado de Epimeteo*. Traducción: Beatriz Morales Bastos. Barcelona: *Cultura Libre*, [1994] 2002. v. 1. 411 p.
- TIERCELIN DOS SANTOS, Marie-Hélène et al. Biografia: Milton Santos. *Milton Santos*, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://miltonsantos.com.br/site/biografia/>. Acesso em: 17 set. 2019.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. Cidades na floresta: os "grandes objetos" como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 51, p. 113-137, mar./set. 2010.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. Uma leitura da Amazônia a partir da obra de Milton Santos: contribuições da Escola Uspiana de Geografia. *Papers do NAEA*, Belém, n. 366, p. 1-18, abr. 2017.

Sobre o autor

Helbert Michel Pampolha de Oliveira: Bacharel e Licenciado em Geografia (2017) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), instituição onde se tornou Mestre em Planejamento do Desenvolvimento (2019) e, atualmente, doutorando em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Atua na área de Geografia Urbana e Regional, voltando-se principalmente para estudos relacionados às seguintes temáticas: cidades médias da Amazônia; teoria regional e regionalização; políticas de desenvolvimento urbano e regional; e o pensamento de Milton Santos e a Amazônia.

* * *

ABSTRACT

The "Brazil of the Amazon": Milton Santos's views and concerns in reading the Brazilian Territory

Given Milton Santos' intellectual interest to produce an interpretation of Brazil from its territory, this article aims to analyze the "place" and the importance given to the Amazon as a region within the scope of this thinking. For this purpose, the methodological procedures adopted are the techniques of bibliographical survey and review and, additionally, documentary research and analysis about the life and the vast work of this author, in order to systematize information and contributions in which the Amazon region is considered throughout his elaborations. Therefore, it is observed that, although the Amazon was not a central theme in the research produced by Milton Santos, it has not escaped the problematizations that this scholar undertook about the totality of Brazilian socio-spatial formation, in the context of which the aforementioned regional space assumes great relevance in the production of his understanding of the national territory.

KEYWORDS: Region. Space as a social instance. Milton Santos. Amazon. Brazilian territory.

RESUMEN

El "Brasil de la Amazonía": Miradas y preocupaciones de Milton Santos en la lectura del Territorio Brasileño

En vista de lo interés intelectual de Milton Santos de producir una interpretación de Brasil desde el territorio, este artículo tiene como objetivo analizar el "lugar" y la importancia dada a la Amazonía como región dentro del alcance de su pensamiento. Por lo tanto, se utilizan como procedimientos metodológicos las técnicas de levantamiento y revisión bibliográfica y, además, de investigación documental y análisis sobre la vida y la vasta obra de este autor, con el fin de sistematizar información y contribuciones en las que se considera la región amazónica a lo largo de sus elaboraciones. Así, se observa que, aunque el Amazonía no fue un tema central en las investigaciones producidas por Milton Santos, el dicho espacio regional no escapó a las problematizaciones que este intelectual emprendió sobre la totalidad de la formación socioespacial brasileña, configurándose, incluyendo, como una región de gran relevancia en la producción de su comprensión del territorio nacional.

PALABRAS CLAVE: Región. Espacio como instancia social. Milton Santos. Amazonía. Territorio brasileño.